

...a canhota do Tio Rodrigo.

Passei por lá. Estava quase na mesma...O telhado já não era o mesmo, era outro, um novo...e tinha grades de ferro nas janelas...

Para quem estava na Praça o caminho mais perto para lá chegar; era, entrar pela propriedade da senhora Maria do Vasco, ali na Rua Dr. Souto Alves – defronte ao café da Tomázia - passar os dois campos de milho da família, e o caminho do rio era o mesmo antigo matadouro.

Passávamos ao lado do Pomar do senhor Miranda, dávamos uma espreitadela para as árvores de fruto; e, para lá com os nossos botões, só era preciso que o Gabriel e o senhor Miranda por lá não estivessem, na altura do regresso a casa.

A Quinta dos Temudos, começara o seu processo de degradação – o muro da quinta junto ao matadouro estava já posto abaixo parcialmente e aberto – de modo que a rapaziada estava à vontade, para fazer qualquer incursão às ameixas ou às peras - pois nada de perigo representava para a sua integridade física.

Com o Pomar do senhor Miranda o caso já era diferente; porque era sempre, alto risco qualquer incursão para aquelas bandas...

De volta á Canhota do Tio Rodrigo Moleiro; na altura, em que a azenha apresentava uma estrutura externa, que levava a crer, estar operacional para transformar o grão de milho em "moenda" – pois não me recordo se por essa altura 1958, ainda as suas mós produziam trabalho - recordo o Tio Rodrigo e sua esposa.

De volta ao seu cigarro, sabiamente enrolado por aqueles dedos agrestes de trabalhar as terras, e da sua onça de tabaco "Conquistador", a brandir de um dos bolsos do colete preto e cinzento, aquela figura respeitável ficaria para sempre gravada na minha memória.

Algum medo e muito respeito à mistura, pelo menos para mim, era o que sentia por aquela figura humana, tranquila, e de olhar sempre posto no horizonte, seguindo o caminhar tranquilo das águas do rio Antuã, com destino à Foz.

Ali, em cima das pedras que constituíam o que já restava do canal de condução das águas do velho açude, à nora da canhota; observava, o ritual do consumir daquele cigarro, ao mesmo tempo que a sua esposa, apanhava comida para os coelhos. Leitugas penso eu!

A rapaziada dava "cacholada" após "cacholada"; na naquela piscina natural do Rio Antuã, aproveitando o bem que a natureza lhes proporcionava,

retemperando energias e poupando alguma água em suas casas; pois era sábado, e para além de uma toalha, a barra de sabão azul e branco era imprescindível.

A higiene semanal, para muitos, aqui tinha lugar, em que as águas do rio Antuã eram partilhadas, entre nadadores, lavradores e lavadeiras.

Estamos em pleno Verão, daqui as uns dias o rio vai ser tapado – um pouco mais abaixo – para que se faça a rega dos terrenos a jusante do velho e quase inexistente açude; porque, depois durante a tapada do rio, não se pode nadar, face à poluição das águas do rio, pelos esgotos provenientes do matadouro.

O milho está alto. Bem perto o Poço do Carvalho; do lado de lá espreita a bateira do Tio Miguel, e do lado de cá a bateira dos Tarrincas.

O tio Rodrigo vai dando as boas tardes à malta que vai chegando.

A rapaziada distribuída pelas margens, vai colhendo uns cachos de uvas americanas, e roendo umas peras “*gamadas*” na quinta dos Temudos.

Ouve-se ao longe uma voz de trovão; é do Nelson Agra e comitiva do Outeiro do Coval. Daqui a pouco vai “ferver concurso” no meio do milho, claro está só para os mais crescidos...

O Tomaz da Mata e o Miguel chegam. Ena pá!.. Uma câmara-de-ar de camião... Toda a malta fica de bico aberto.

Aquilo é que “*vari!*”. Vai a câmara-de-ar, para a água e toda a malta lhe salta em cima e que dar uma voltinha.

E a Canhota do Tio Rodrigo, ali estacionada, *olha à sua volta*, registando as gerações de Estarrejenses, que por ali demandam fugidos ou autorizados, para que se faça história; para, mais tarde vir a ser contada, assim como estou a fazer agora.

Mas o que é que a Canhota do Tio Rodrigo tinha; para que a malta, preferencialmente a frequentasse?

Porque razão não ia a rapaziada para a Canhota da Ponte de Pedra?

Há coisas que às vezes não sabemos explicar. A Canhota do Tio Rodrigo tinha algo de magnético que nos atraía para este local...

A Canhota para além do seu simbolismo através dos tempos, foi local de inspiração para pintores; gandulos; autarcas; escritores; filósofos, fotógrafos e seus derivados. Sendo conhecida sobretudo, por telas e fotos de grandes pintores e fotógrafos locais, até de fora do concelho... Verdade...

A Canhota do Tio Rodrigo sempre competiu com a Turbina – *Praia dos Tesos* – até porque em minha opinião – que frequentei com regularidade todos estes locais – o Tio Rodrigo e a Canhota encerram qualquer coisa de místico!

Será que vocês não sentem o mesmo?

Vamos ver se o tempo se encarrega de nos desvendar esse segredo.

Olhando agora para *o local onde outrora a canhota se refugiava*, entre o Arvoredo e o milho, concluímos que ela lá está como símbolo, de gerações e como representante ancestral – da indústria da moagem – de um meio produtivo; essencial, ao circuito alimentar de lavradores da então Vila de Estarreja.

Resolvi, tirar umas fotos da Canhota do Tio Rodrigo – não sei se já secular – e na minha mente delineou-se um pensamento!

Espreitei pelas grades de ferro das suas Janelas, viradas ao Rio. Perscrutei o seu interior; mas apenas se ouvia o ruído da queda de água do novo Açude.

À medida que o meu pensamento divagava, entre o ruído já imaginário da velha azenha a trabalhar, *este era simpaticamente abafado*, pela queda de água do novo Açude.

Fui invadido por uma sensação de “força”; ou melhor, de “energia”...

Sim. Energia. “Power”, do inglês. Força do Português...

Sim mas para onde ia aquela energia?

Interroguei-me? Sim, porque aquele som – da queda de água – era afinal energia que se estava a perder rumo à foz do Rio Antuã.

Ora a mãe natureza, através daquele som da água a cair, constantemente dia e noite, parecia-me querer dizer: - Estou aqui! Será que ninguém, se apercebe que posso ser útil duplamente útil à Comunidade?

Pois era isso mesmo! **O binómio Canhota do Tio Rodrigo / Açude**, podiam constituir um dueto, capaz de produzir energia eléctrica; sem descaracterizar a paisagem, e ao mesmo tempo resultar em economia energética, direccionado por exemplo para a iluminação pública daquela zona de lazer.

Foi mesmo isto que pensei! Adaptar a Canhota do Tio Rodrigo a Mini-Central, dotar o Açude de um gerador de energia eléctrica, e utilizar a corrente acumulada durante o dia, para circuitos de iluminação Municipal durante a noite.

Será ideia de louco?

Não. Foi apenas um pensamento.

Falei com o meu companheiro e amigo José Fernando Correia, sobre isto.

Pareceu-me que ele não achou despropositada a ideia.

Zé ainda te recordas disto?

Bem, mas este pequeno projecto, seria mais importante se pudesse contar com Alunos e Professores da ESE, de modo a que o mesmo pudesse ter uma componente escolar; e já agora, também com a colaboração das Indústrias da Cidade de Estarreja.

Mais comportaria a minha ideia, que a Canhota do Tio Rodrigo, pudesse vir a ser um mini-polo-tecnológico, de investigação nas áreas da produção de energias alternativas, tão necessária à humanidade.

O saber dos Alunos e dos Professores; aliados, aos conhecimentos técnicos dos Estarrejenses, bem podiam perpetuar a memória do Tio Rodrigo e da sua Canhota.

O desafio está lançado.

Eu estou disponível.

E Vocês?